

REDES SOCIAIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA JUVENTUDE

SOCIAL NETWORKS AND YOUTH IDENTITY CONSTRUCTION

REDES SOCIALES Y CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD JUVENIL

Paulo Jorge de Almeida Falcão Alves¹

Jorge Cristovão Ricardo²

Nicole Isabel Alexandre Sebastião³

RESUMO: Enquanto no passado a construção da identidade era construída com base nos signos do real, hoje essa mesma identidade é desenvolvida através de ecrãs digitais, ligando os jovens a mundos distantes através de um simples toque de ecrã. Esta mudança de paradigma educacional traz algumas consequências na forma como hoje estamos a edificar a nossa personalidade através destas novas esferas digitais. Neste sentido, pretendemos com este estudo, analisar forma como os jovens estão hoje a construir a sua identidade e qual o real impacto nas suas vidas. Os dados parecem revelar que as redes sociais apresentam alguns obstáculos que poderão estar a condicionar a construção dessas identidades.

Palavras-Chave: Identidade. Jovens. Redes Sociais.

ABSTRACT: While in the past the construction of identity was built based on signs of reality, today that same identity is developed through digital screens, connecting young people to distant worlds through a simple touch of the screen. This educational paradigm shift has some consequences for the way we are today building our personality through these new digital spheres. In this sense, with this study we intend to analyze how young people today are building their identity and what the real impact is on their lives. The data seems to reveal that social networks present some obstacles that may be affecting the construction of these identities.

391

Keywords: Identity. Young People. Social Media.

RESUMEN: Mientras que en el pasado la construcción de identidad se construía a partir de signos de la realidad, hoy esa misma identidad se desarrolla a través de pantallas digitales, conectando a los jóvenes con mundos lejanos a través de un simple toque de pantalla. Este cambio de paradigma educativo tiene algunas consecuencias en la forma en que hoy estamos construyendo nuestra personalidad a través de estos nuevos ámbitos digitales. En este sentido, con este estudio pretendemos analizar cómo los jóvenes de hoy están construyendo su identidad y cuál es el impacto real en sus vidas. Los datos parecen revelar que las redes sociales presentan algunos obstáculos que pueden estar afectando la construcción de estas identidades.

Palabras Clave: Identidad. Jóvenes. Redes sociales.

¹ Doutorado em Ciências da Comunicação. Professor na Universidade do Algarve.

² Aluno finalista do Curso de Ciências da Comunicação. Universidade do Algarve.

³ Aluna finalista do Curso de Ciências da Comunicação. Universidade do Algarve.

INTRODUÇÃO

Nos últimos quinze anos, as redes sociais têm tido um crescimento exponencial, promovendo uma maior interação e participação dos jovens nestas comunidades virtuais através da partilha de conhecimentos e experiências de formas nunca antes presenciadas. A sociedade atual, em que os jovens estão hoje inseridos, é bastante díspar daquela que existia nos finais do século XX. Ao longo destas últimas duas décadas, a tecnologia tem evoluído de forma frenética, promovendo novas formas de interação social personificadas através das redes sociais como o Facebook, o Instagram ou o X.

Inseridos inevitavelmente num mundo global, digital e em rede, grande parte da comunicação que os jovens experienciam atualmente tem como base a ausência dos signos do real como o olhar, o toque, a expressão facial e corporal, levando a que se assista a uma nova forma de comunicar mais *metálica* e distante, onde os jovens aprenderam a regular o feedback através de novas formas de controlo da comunicação à distância

Tal como refere Cardoso (2013 in Oliveira, 2018: 62), “*o espaço que as redes sociais atuais ganham nas rotinas dos jovens é cada vez maior, permitindo que estes estejam constantemente conectados com o mundo nos ecrãs, espaços que lhes projetam imagens da realidade e do mundo ao qual pretendem pertencer*”. Sendo a adolescência e a juventude, as fases mais sensíveis em termos de afirmação e definição do indivíduo, este parece ser um tema de relevante e importância.

392

Desde a criação de uma nova imagem, à partilha de interações e conteúdos, a entrada em grupos digitais ou a procura pela aceitação, o mundo digital tornou-se uma referência nestes tópicos. Segundo Allen (2015 in Oliveira, 2018: 63) “*para os adolescentes de hoje, os perfis das redes sociais transformam-se em diários visuais de desenvolvimento, através dos quais os jovens podem fazer scroll, procurando algo que ainda precisam de aprender sobre si mesmos*”.

A construção da identidade é assim algo complexo e em constante mutação, sofrendo as mais diversas influências e pressões por parte da sociedade e do seu redor tornando-se fluida, frágil e fragmentada (Hall, 2000), onde o sujeito pode assumir identidades várias em momentos diferentes (Pereira, Pontes, & Tozatto, 2022: 592).

Este artigo procurará assim analisar o papel das redes sociais no processo de construção da identidade dos jovens e quais os seus impactos positivos e negativos. Como metodologia optamos por um estudo quantitativo através da aplicação de um inquérito por questionário aplicado a 51 inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos.

DESENVOLVIMENTO

Há medida que estes ecrãs digitais foram eliminando muitos dos nossos *third places* (Oldenburg, 1999), assistimos ao florescimento de *novas* comunidades virtuais, apoiadas em laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, sentimento de pertença e uma nova identidade social (Wellman & Haythornthwaite, 2002), convertendo-se numa fonte de valores que determinam o comportamento e a organização social de uma coletividade de indivíduos que coexiste entre um mundo físico e um mundo digital onde *velhas* comunidades como a família, o bairro ou a paróquia tendem a ser substituídas por novas formas de organização social.

Estas *novas* comunidades digitais ou redes sociais como hoje as conhecemos, assentam num processo histórico de dissociação entre localidade e sociabilidade, onde novos e seletivos modelos de relações sociais substituem antigas formas de interação humana por uma comunicação mediada por computador, permitindo o anonimato e a ausência do *status social*. Espaços virtuais onde a cultura da simulação adquire um papel de importante relevo, incitando os indivíduos a viver as suas próprias fantasias *online* e a fugir do mundo real.

Este distanciamento que a tecnologia parece estar a provocar no *laço social* está a alterar a forma como nos toleramos uns aos outros. No passado, quando algo ficava mal-esclarecido a solução passava por uma conversa cara-a-cara, onde as expressões, os gestos, a postura e o olhar serviam para fortalecer o significado das palavras. Hoje, este tipo de relações tende a desaparecer pois deixamos de puder avaliar se quem está a falar connosco do outro lado do ecrã está ansioso, magoado, surpreso ou distante, levando a que as relações humanas percam aos poucos o seu arco-íris e se transformem em relações a *preto e branco*, promovendo o surgimento de comportamentos disfuncionais fruto da ausência física dos seus intervenientes e na sua incapacidade de regular o feedback.

393

Enquanto antigamente, os afetos eram edificados *in praesentia*, hoje estão a ser construídos *in absentia*, transfigurando conceitos clássicos como o amor ou a amizade, afigurando novas formas de manifestação de sentimentos e emoções, resultantes do progresso irreversível da pós-modernidade.

Os telemóveis tornaram-se em máquinas íntimas, através das quais construímos as nossas identidades, promovendo a visão de uma identidade múltipla e ao mesmo tempo integral, cuja flexibilidade e capacidade de bem-estar vem do acesso aos nossos vários *eu*.

Parecemos caminhar para um mundo onde os afetos, o amor, o carinho e a partilha estão a ser reformulados e adaptados a um mundo sintético, metálico. Talvez a falta de afeto e atenção que sentimos no mundo real nos leve a procurar satisfazer as nossas carências no mundo virtual, podendo vir a transformar, ou mesmo destruir, o conceito de sociabilidade criado ao longo de toda a história da humanidade (Turkle, 2012).

Segundo alguns autores como Wellman (2002) ou Rheingold (2000), estes mundos preenchem duas das maiores necessidades na formação da identidade na adolescência - manter amizades pessoais e pertencer a grupos de amigos. Nestes novos espaços virtuais os jovens podem encontrar apoio e sentido de pertença, partilhando as suas angústias e anseios, desenvolvidas através de uma cultura de partilha onde a gratificação constante representa um dos seus principais pilares e a exposição do privado o seu cartão de acesso – *partilho, logo existo* (Turkle, 2012).

Contudo, estas novas formas de relacionamento social podem originar comportamentos disfuncionais fruto da curiosidade inata dos jovens, levando a que significados como o *bem* e o *mal*, o *certo* e o *errado*, o *amor* e o *ódio*, possam vir aos poucos a ser substituídos por *novos sentidos* que, ao serem transmitidos às gerações futuras, podem resultar na completa redefinição dos valores morais e éticos construídos ao longo de toda a humanidade. Embora estas metamorfoses sejam transversais a todos os géneros, classes e faixas etárias, os jovens, por serem um grupo mais vulnerável merecerem especial atenção.

Estar online é hoje um imperativo. O facto de os jovens não terem uma presença assídua nas redes sociais é simbolicamente semelhante ao de não terem uma existência, podendo serem comparados a um marginal levando a que a construção da identidade esteja fortemente ligada a fatores externos ao mundo simbólico onde “*o peso que as redes sociais digitais têm na adolescência aparenta ser distinto, sendo estas ferramentas percebidas como extensões da realidade e aspetos sem as quais a sobrevivência social do ser humano parece não estar assegurada*” (Bowlby, 1998 in Oliveira, 2018: 65).

A identidade é na verdade um conceito abstrato que pode ser definido de inúmeras formas e argumentos, levando a que o processo de construção do *Eu* se torne ainda mais intangível quando associado ao conceito de redes digitais. Um processo em constante evolução e mudança onde as relações entre pessoas e instituições é frágil e incerta, ao contrário do passado, onde estas eram estáveis e para toda a vida, bastante mais duradouras que as atuais. As identidades tradicionais, são cada vez mais repostas por um tipo de identidade da sociedade contemporânea,

mais mutável, adaptável, descartável e substituível (Bauman, 2021).

À medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da *modernidade líquida*, as nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, uma vez que os sentimentos de pertença ou de identidade não são definitivos nem sólidos, mas antes negociáveis e revogáveis – “*tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age*” (Bauman, 2005: 175), uma realidade fruto da sociedade contemporânea e da crescente cultura de consumismo ligada ao capitalismo pós-moderno.

Vivemos numa época em que o consumismo se tornou desenfreado e consequentemente as pessoas se tornaram cronicamente insatisfeitas pela sensação constante de prazer supérfluo e imediato e de perda de ligação, cada vez maior, com o mundo físico. Numa sociedade onde o consumo é valorizado e elogiado, a identidade dos indivíduos, especialmente os mais jovens, molda-se consoante as escolhas do próprio consumo ou tendências do momento. Cada vez mais existe um incentivo para uma maior identificação aos produtos comerciais, o que poderá levar os mais jovens a quererem identificar-se com as marcas que consomem ou com os produtos que compram, de forma a conseguirem construir uma personalidade e identidade compatível com uma sociedade onde as escolhas individuais são moldadas por pressões coletivas e globais onde «*o aumento de bens materiais, longe de fazer diminuir o descontentamento dos homens, tende a aumentar*» (Toqueville in Lipovetsky 2017: 30), algo que não acontecia no passado, onde o indivíduo se contentava com aquilo que a sua condição social lhe permitia usufruir. Embora o indivíduo consuma cada vez mais, e adquira cada vez mais prazeres, isso não o torna mais feliz - a constante sensação de insatisfação tornou-se na maior maldição do homem contemporâneo.

A sociedade atual é moldada por um sistema de constante comparação com os ideais de beleza expostos nas redes sociais, determinando muito daquilo que são os padrões e tendências usados e procurados pelos indivíduos de forma a se sentirem enquadrados e ajustados a esta realidade *virtual*. Uma corrida pela necessidade de adaptação rápida de forma a estar ajustado com o padrão dominante - do momento. A identidade torna-se então num processo de construção volátil, em constante construção e mudança, moldada pela pressão da sociedade e dos padrões e tendências momentâneos, geradores de um consumismo desenfreado e que define a pertença do indivíduo, de forma mais identitária de acordo com os seus padrões de compra e onde as redes sociais desempenham um papel de extrema relevância.

Para Castells (2016) as relações sociais e as interações a que cada indivíduo está presente,

são fatores importantes para a construção da sua identidade, não se podendo considerar como algo que é fixo ou que está predefinido no indivíduo, num processo contínuo de transformação.

As redes sociais, e pontos de encontro virtuais, desempenham um papel crucial para a identidade de cada indivíduo pois são *espaços* onde estes criam interações e partilham experiências estando sujeitos a inúmeras influências e diferenças culturais, deixando de ser um processo individual e solitário, permitindo ao indivíduo transitar entre estes dois mundos e assumir uma personagem que se adeque melhor ao ambiente onde se encontra, “*the self, now attached to its devices, occupies a liminal space between the physical real and its lives on the screen. It participates in both realms at the same time*” (Turkle, 2008: 2).

Em boa verdade as redes sociais ao permitirem o anonimato e a ausência do *status social*, adquirem papel considerado facilitador para indivíduos mais tímidos ou introvertidos, uma vez que “*for those who are lonely yet fearful of intimacy, online life provides environments where one can be a loner yet not alone, environments where one can have the illusion of companionship without the demands of sustained, intimate friendship.*” (Turkle, 2008: 6).

Espaços que apenas nós temos acesso, controlados de acordo com as nossas preferências, onde aos poucos as relações físicas tendem a ser substituídas por relações artificiais, virtuais, levando a que os discursos afetivos da pós-modernidade se afastem das palavras e se aproximem cada vez mais do abstrato, do incorpóreo (Alves, 2020). Este tipo de comportamentos leva a que os indivíduos se tornem reféns dos seus dispositivos e redes, numa busca de uma validação e gratificação online constante através da qual vão construindo as suas identidades.

396

Today's adolescents have no less need than previous generations to learn empathic skills, to manage and express feelings, and handle being alone. But technology has changed the rules of engagement with these developmental tasks and perhaps their resolution. (Turkle, 2008: 12).

Ainda, segundo Becker (2009), a identidade é construída com base nas várias interações sociais a que um indivíduo está sujeito e em etiquetas que lhe são atribuídas pelos participantes dessas interações negociadas com base em aspectos como a raça, a classe social, a aparência, entre outros, levando a que os rótulos ou preconceitos que lhe são atribuídos sejam resultado das suas percepções e interações com os outros, agindo consoante as expectativas que o “outro” tem de si.

Nas últimas décadas as redes sociais ganharam uma crescente importância e domínio sobre o mundo atual. Em Portugal, os utilizadores da Internet estão em contínuo crescimento – em 2002 representavam 84,5% da população residente dos 16 aos 74 anos (Expresso, 2022). A diversidade de redes sociais é imensurável, tendo cada uma delas o seu modo de uso e objetivo,

contudo, a finalidade por norma é a de compartilhamento de conteúdos por meio visual ou de áudio, existindo facilidade para a troca de opiniões e manifestações pelo *like*. Os *likes* e os comentários tornaram-se os reguladores e mediadores dos supostos melhores conteúdos e tendências, passando a ganhar uma maior importância pelas pessoas, na medição de valor de algo ou alguém, sendo que “*dessa forma a satisfação plena só é alcançada se as publicações nas redes agradarem muitas pessoas e elas retribuírem com likes, o que pode ser entendido como um qualificador*” (Pereira, Pontes, & Tozatto, 2022: 599).

Deste modo, a busca por um status de *pessoa valorativa* teve tendência a se alastrar e a criar uma espetacularização da vida privada ou na busca por aceitação, onde o “*a aparência se põe acima da existência - parecer é mais importante do que ser*” (Pereira, Pontes, & Tozatto, 2022: 600), o que consistirá consequentemente numa rutura entre identidade real e imagem apresentada.

Assim, e com base na teoria exposta podemos apresentar as seguintes hipóteses para o nosso estudo: H₁ - O uso excessivo das redes sociais afeta os relacionamentos *offline* dos jovens, contribuindo negativamente para a sua identidade e bem-estar; H₂ - As redes sociais influenciam a construção de estereótipos e na reprodução de preconceitos, que afeta negativamente a identidade dos jovens.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

397

Este estudo optou por uma metodologia quantitativa através da aplicação de um inquérito por questionário a 51 inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos.

Assim, e analisando os dados do nosso estudo podemos referir que apenas 8% dos inquiridos passa menos de 1 hora por dia nas redes sociais, 37% admitem passar entre 1 a 3 horas por dia nestas plataformas, 31% despende entre 3 a 6 horas por dia e 24% passa mais de 6 horas do seu dia a navegar nas redes sociais. Ao cruzarmos os dados referentes à idade e às horas gastas nas redes sociais, é possível verificar que os inquiridos mais velhos são os que menos tempo passam nas redes sociais em oposição aos mais novos.

De referir que 8% dos jovens não concordam que redes sociais reforcem algum tipo de estereótipo, contudo, 65% afirma sentir-se pressionado pelos padrões e tendências presentes nas redes sociais, tanto de beleza, culturais, políticos ou outros, admitindo sentirem-se pressionados para seguir tendências e se encaixarem nos padrões definidos por estas plataformas.

Posteriormente, ao serem questionados se já se arreenderam de algo que compartilharam nas redes sociais, 67% dos inquiridos confessa que já experienciou este tipo de situação, embora

69% afirme nunca ter recebido comentários de ódio/ofensivos depois de expor uma opinião ou conteúdo. Foi também possível constatar que 63% dos inquiridos afirma que as redes sociais têm um papel importante na sua autoestima.

No que diz respeito ao sentimento de livre arbítrio e liberdade de expressão dentro das redes sociais, 55% respondeu que não se sente bem ou confortável em expor a sua opinião, sendo que 41% demonstra-se simultaneamente pressionado a cumprir esse tipo de padrões e pouco livre para expor conteúdos e opiniões.

Quando questionados se já se tinham comparado com outra pessoa, sentindo-se superiores, 23,5% revela nunca se ter comparado superiormente a outra pessoa, contudo, 41,2% dos inquiridos afirmaram que já se sentiram superiores em algum momento. Ao serem questionados se já se tinham comparado com outra pessoa, sentindo-se inferiores, a maioria admite já ter experienciado este tipo de sensação (76,5%), sendo que apenas 5,9% afirma nunca ter passado por este sentimento de inferioridade.

No que toca a relacionamentos e à maneira como estes são afetados pelas redes sociais, mais de metade dos jovens (57%) confessa sentir que as redes sociais contribuem nas suas relações de maneira positiva, enquanto 8% indica precisamente o oposto. Por outro lado, 61% dos jovens alegam que estas aplicações prejudicam os seus relacionamentos e interações pessoais. Por fim, em relação à sua identidade e postura *offline* e se esta sofre alterações durante o consumo da mesma, 75% não concordou que tenha um comportamento diferente nas redes sociais em comparação com as suas interações pessoais fora das mesmas.

Assim, e após análise dos resultados do nosso inquérito por questionário, os dados parecem validar a nossa primeira hipótese revelando que as redes sociais, de alguma forma, influenciam a construção de estereótipos e na reprodução de preconceitos podendo afetar negativamente a construção da identidade dos jovens.

Por outro lado, a nossa segunda hipótese também é validada revelando que o uso excessivo das redes sociais afeta os relacionamentos offline dos jovens podendo vir a contribuir negativamente para a sua identidade e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo tentar perceber qual o papel das redes sociais na construção da identidade dos jovens. Assim, e através de um estudo quantitativo exploratório chegamos a algumas conclusões que nos podem ajudar a compreender melhor este fenômeno. Deste modo,

e olhando para os resultados obtidos, a maior parte dos inquiridos revelou um certo desconforto em produzir conteúdos nos seus perfis e de expor a sua maneira de pensar com receio de ser julgado de forma negativa pelos seus pares, o que pode estar relacionado alguma situação onde possam ter sido alvo de ofensas/comentários de ódio. Podemos também concluir que, na sua generalidade, grande parte dos jovens parece sentir, em algum momento, efeitos negativos devido ao uso excessivo das redes sociais podendo assim contribuir para uma diminuição da sua autoestima e, em casos mais graves, à depressão. As redes sociais parecem não só influenciam negativamente o bem-estar destes indivíduos como também aparentam prejudicar os seus relacionamentos pessoais podendo mesmo vir a gerar sentimentos de solidão. As redes sociais também parecem estar a contribuir para a construção de padrões de beleza e tendências de consumo que, quando não alcançadas, podem provocar distúrbios emocionais face à pressão social imposta aos jovens para corresponderem a um conjunto de expectativas.

Assim, e face aos dados recolhidos será importante monitorizar o uso das redes sociais por parte dos jovens, em especial por aqueles com idades mais jovens, prevenindo futuras complicações ao nível da sua vida pessoal. Será também importante realizar estudos com amostras mais abrangentes de modo a ajudar a compreender o fenómeno em estudo.

399

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. (2020). *Sociologia da Comunicação: Reflexões teóricas*. Braga: Gráfica Diário do Minho.
- BAUMAN, Z. (2021). *Modernidade líquida*. Zahar.
- BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. https://www.academia.edu/27130256/Identidade_Entrevista_a_Benedetto_Vecchi
- BECKER, H. (2009). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. https://www.academia.edu/39164530/BECKER_Howard_S_Outsiders_Estudos_de_sociologia_d_o_Desvio
- CASTELLS, M. (2016). *Indivíduo e coletividade*. https://www.youtube.com/watch?v=rgmCjuNVLG&ab_channel=FronteirasdoPensamento
- CASTELLS, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUIMARÃES, M., ALEIXO, S. & COSTA, A. (2020). *Redes sociais: influências na construção da identidade dos adolescentes*. <https://dspace.doctum.edu.br/xmlui/handle/123456789/3577>

INE. (2019). Sociedade da Informação e do Conhecimento - Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaque&DESTAQUESdest_bo ui=354447153&DESTAQUESmodo=2

EXPRESSO. (2022). INE: 88,2% das famílias portuguesas tinha acesso à Internet em 2022. <https://expresso.pt/economia/2022-11-21-INE-882-das-familias-portuguesas-tinha-acesso-a-Internet-em-2022-3a692d66>

HALL, S. (2000). A identidade cultural na pós-modernidade, 4^a ed. Rio de Janeiro: DP&A.

LIPOVETSKY, G. (2012). A Sociedade da deceção. Lisboa: Edições 70.

LIPOVETSKY, G. (2017). Os Tempos Hipermórdernos. Lisboa: Edições 70.

OLDENBURG, R. (1999). The Great Good Place. New York: Marlowe & Company.

OLIVEIRA, A. (2018). A construção social do Eu através da experiência nas redes sociais: hipermordernidade, leveza e adolescência. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/59634>

PEREIRA, N., PONTES, Q. & TOZATTO, A. (2022). A influência das redes sociais no processo de construção da identidade. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i10.7105>

RHEINGOLD, H. (2000). The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier. Massachusetts: MIT Press.

400

SILVA, A. (2000). O poder da identidade. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. https://www.academia.edu/12680270/Castells_artigo_O_poder_da_identidade

TURKLE, S. (2008). Always-on/Always-on-you: The Tethered Self. In J. E. Katz (Ed), *Handbook of Mobile Communication Studies* (pp.1-21). MIT Press Scholarship Online. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262113120.003.0010>

TURKLE, S. (2012). Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books.

WELLMAN, B. & HAYTHORNTHWAITE, C. (2002). The Internet in Everyday Life. Oxford: Blackwell Publishers.